

FONTES PARA A PESQUISA HISTÓRICA NA REGIÃO DO EXTREMO SUL BAIANO: Fragmentos da Experiência do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia – Campus X – Teixeira de Freitas.

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é contextualizar a atuação do colegiado de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X em Teixeira de Freitas – BA no processo de construção, desconstrução e reconstrução da história regional a partir do contato e da análise do(a)s discentes com diferentes tipos de fontes a respeito da história da Bahia que estão dispersas e sob a guarda de particulares e/ou responsáveis pelo poder público. Este contato com novas fontes documentais, não somente escritas como orais fez-se significativo e alicerçou o processo de tessitura dos trabalhos monográficos produzidos pelos estudantes da primeira turma de história, deixando visível que ações do Estágio Supervisionado contribuíram/estão contribuindo no processo de construção do conhecimento a respeito da história local. Tais produções, alinhadas à história social e cultural, ao se articularem com a história econômica e política possibilitaram reflexões referenciadas na História local e regional, com vistas a transcendê-la, e por vezes, descolonizá-la, passá-la a limpo a partir de vozes de grupos e de classes sociais antes silenciados pela história tradicional. Essas produções ganham a chancela a partir de pesquisas desenvolvidas por profissionais que atuam nas mais diversas universidades que hoje estão espalhadas em diferentes locais do estado baiano.

Palavras-chave: Pesquisa, Fontes históricas, Extremo Sul Baiano.

Introdução

A produção historiográfica na contemporaneidade tem primado por ocupar-se de outros atores e segmentos sociais de forma a desconstruir pretensas proposições de uma “história grande²”, ou a existência de uma história única. Conforme Le Goff “a história só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos”³. Uma realidade caleidoscópica exige que o historiador se debruce sobre as fontes com o olhar de míope segundo o qual, conforme afirma Machado de Assis é possível ver aquilo e, no caso da história, aqueles e aquelas que “[...] as grandes vistas não pegam”⁴

Conforme afirmou Janaína Amado⁵ a multiplicação de cursos de história no Brasil impuseram a questão regional a partir das produções monográficas, que constituem uma das exigências das graduações. Tal questão passou a ocupar um espaço significativo no campo de pesquisa histórica. A emergência destas questões trouxe em seu bojo a necessidade de que o (a)s pesquisadore(a)s fizessem uso de outras fontes que não somente aquelas veiculadas a partir daquilo que comumente se denomina história oficial. Assim, para além do que está escrito nestes documentos, outras fontes passaram a ser consultadas e a fazer com que novas vozes pudessem ganhar espaço dentro do universo acadêmico.

É importante ressaltar que este movimento de ocupação do espaço acadêmico por temáticas outras, assentadas em fontes diversas não ocorreu de forma tranquila,

vezes existiram e os enfrentamentos por vezes colocaram profissionais da mesma área de conhecimento em campos explicitamente opostos. Por vezes as disputas reverberam em discursos céticos acerca da Nova História e de sua premissa de valorização de toda atividade humana como sendo de interesse da história⁶. Bem como existiu/existe tentativas de desqualificação de fontes históricas como se a confiabilidade da mesma estivesse atrelada ao seu tipo. Sendo assim por vezes afirma-se que as fontes orais são construções dos entrevistados como se os documentos escritos, por exemplo, os boletins de ocorrência registrados em uma delegacia, fossem produzidos de forma objetiva sem a possibilidade de que houvesse, naquela fonte, risco de ter sido construída a partir do olhar obtuso de um escrivão.

O objetivo deste artigo é contextualizar a atuação do colegiado de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X no processo de construção, desconstrução e reconstrução da história regional a partir do contato e da análise do(a)s discentes com diferentes tipos de fontes a respeito da história da Bahia que estão dispersas e sob a guarda de particulares e/ou responsáveis pelo poder público.

Curso de história na cidade de Teixeira de Freitas – trajetória e possibilidades

A Universidade do Estado da Bahia através de sua dinâmica multi campi tem experienciado, com agruras e prazeres, a interiorização de cursos de graduação presencial. A implantação do curso de História no Departamento de Educação *Campus X* deu-se a partir da necessidade de atender uma demanda por profissionais com nível superior e qualificação em história para atuar em campos diversos, na cidade de Teixeira de Freitas e regiões circunvizinhas. Desta forma, O curso de história foi implantado no semestre letivo 2005.2 e as aulas tiveram início em 19/04/2006.

A história da Bahia há tempos não mais é compreendida como sendo a história circunscrita às grandes áreas produtoras de cana-de-açúcar e atreladas ao esquema de produção voltada para exportação privilegiando o Recôncavo baiano como cenário. O extremo sul baiano, assim como outras micro regiões baianas, vem paulatinamente ganhando espaços e possibilitando discussões a respeito de temáticas as mais variadas, entre elas, questões ligadas à política, economia, sociedade e cultura local. Tais produções ganham a chancela a partir de pesquisas desenvolvidas por profissionais que atuam nas mais diversas universidades que hoje estão espalhadas em diferentes locais do estado baiano. Neste artigo enfocamos a Universidade do Estado da Bahia – Campus X situado na cidade de Teixeira de Freitas.

A cidade de Teixeira de Freitas integra a Região do Extremo Sul da Bahia⁷, a mesma possui importância histórica posto seja palco da vida diária de homens e mulheres que dizem do seu pertencimento a este lugar a partir de suas ações cotidianas nos espaços de sociabilidades, produções econômicas e culturais, tessituras de redes de compadrio e redes de poder político.

Inserido neste contexto o curso de história do campus X em seu projeto contempla a indissociabilidade entre as dimensões de pesquisa e ensino. Desta forma, através dos seus componentes curriculares incita a produção de pesquisas e ao final do curso o discente é conclamado a apresentar uma monografia.

Dentre o conjunto de objetivos e finalidades do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, destaca-se: “formar profissionais aptos a exercer o ensino de História em todos os níveis, a atuar na pesquisa e produção do conhecimento histórico, trabalhar na preservação do patrimônio histórico cultural, na preservação e produção de fontes históricas, na organização de banco de dados e arquivo; no desenvolvimento de projetos e assessorias nos setores artísticos, culturais e turísticos”⁸ Razão que motivou as professoras Msc Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes e Msc Maria Geovanda Batista a propor entre as ementas semestrais do Estágio Curricular Supervisionado, a experimentação como método de análise e reflexão da importância da história no contexto regional e local, bem como, da identificação de suas fontes documentais materiais e simbólicas no âmbito do estágio da primeira turma deste curso no Departamento de Educação Campus X.

O projeto de intervenção foi elaborado coletivamente com a participação do(a)s acadêmico(a)s prevendo a sua execução em espaços socioeducativos, não-escolares (ONGs, Museus, Arquivos públicos e particulares). No contexto do presente trabalho tais projetos foram realizados nos arquivos de cinco municípios da microrregião de Teixeira de Freitas, que compreende o município de Teixeira de Freitas, Itamaraju, Prado, Caravelas e Medeiros Neto.

Para instrumentalização dos projetos foram elaboradas e disponibilizadas: fichas de registro e acompanhamento das atividades de intervenção nos arquivos, durante o trabalho de campo; subsídios para memória e relatório escrito do momento da observação e exploração documental. Para análise reflexiva e articulação das informações e do aprendizado produzido nas experiências vivenciadas no contexto do estudo, foi proposta a realização de um Seminário para analisar e interpretar as informações geradas ao longo do processo de Estágio.

Vale ressaltar que os projetos elaborados partiram da inclusão da dimensão da pesquisa e extensão nos meios e modos de abordagem do conteúdo e da produção de conhecimento. Um dispositivo para formação de um perfil de professor pesquisador no campo da História. Dimensão essa que no contexto do presente trabalho foi decisiva para favorecer nos acadêmico(a)s envolvido(a)s o desenvolvimento de certo senso de responsabilidade profissional pela preservação da memória coletiva posto que um dos compromissos fundamentais da história encontra-se na sua relação com a Memória. Além de constituir-se num espaço-tempo de revisões teórico-conceituais e de reflexão da prática pedagógica referenciada e contextualizada nas realidades locais e seus universos socioculturais, também favoreceu o acesso a ferramentas voltadas para o desenvolvimento de habilidades específicas ao historiador(a), como: manusear, conservar, armazenar e interpretar com propriedade, documentos das rotinas administrativas, burocráticas e seus expedientes, marcas, sinais e pegadas da História.

Este contato com novas fontes documentais, não somente escritas como orais fez-se significativo e alicerçou o processo de tessitura dos trabalhos monográficos produzidos pelos estudantes da primeira turma de história, deixando visível que as ações do Estágio Supervisionado contribuíram/estão contribuindo no processo de construção do conhecimento a respeito da história local. Tais produções, alinhadas à história social e cultural, ao se articularem com a história econômica e política possibilitaram vivências e reflexões, referenciadas na História local e regional com vistas a transcendê-la e por vezes, descolonizá-la, contá-la sob outros pontos de vistas, passá-la a limpo a partir de vozes de grupos e de classes sociais antes silenciados pela história tradicional.

Em razão da existência de uma série de patrimônios históricos culturais materiais e imateriais esta região tem significado relevante para a memória e para a história do Brasil. Essa existência, ao ser significada em sala de aula, a partir dos seminários de socialização das pesquisas realizadas exigiu do colegiado de história a elaboração de projetos que contemplasse estes patrimônios históricos. Dentre estes elencamos aqui, por exemplo, o sítio Histórico da Fazenda Cascata. Esta fazenda, com construções que remontam ao final do século XIX, se encontra às margens da BA 290, nas proximidades da cidade de Teixeira de Freitas, e foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC como sendo de “relevante interesse histórico” tendo sido tombada como Patrimônio Histórico do Município de Teixeira de Freitas pelo decreto nº039/2001. Em relação a este sítio, o parecer técnico produzido pelo paleontólogo Profº Dr. Francisco de Castro Bonfim Jr e pelo profº Dr. em arqueologia Elvis Pereira Barbosa da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

apresenta a seguinte conclusão: “[...] estamos diante de dois importantes patrimônios da cidade de Teixeira de Freitas: o sítio histórico que deu origem a cidade e o sítio arqueológico dos grupos pré-históricos que habitaram a região em épocas remotas”⁹. Através do Projeto “Fazenda Cascata: história e memória” este sítio histórico constituiu-se um espaço de estudo para docentes e discentes acerca da história local e regional.

À medida que a cidade é compreendida como “[...] uma obra coletiva que desafia a natureza, e além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história”¹⁰ a mesma consiste em fonte histórica e uma forma de acessá-la é através das visitas de estudo ou visitas de campo. O desenvolvimento de tais atividades tem possibilitado que os discentes do curso de história do Campus X da Universidade do Estado da Bahia possam, através de indícios explicitados no traçado arquitetônico de cidades como Caravelas e Alcobaça, estudar relações de poder ali estabelecidas, bem como elementos de resistência de segmentos sociais. Situações expressas, por exemplo, nos casarios que remontam ao período colonial e que ainda sobrevivem ao desgaste do tempo em cidades como Porto Seguro, Alcobaça, Prado e Caravelas ou ainda na existência da Capela de Santa Efigênia construída por escravos, para o seu uso, na cidade de Caravelas na última metade do século XVIII.

Essas atividades realizadas ao longo do curso foram fundamentais no processo de elaboração dos trabalhos monográficos. Destes trabalhos um número significativo, em torno de 72%,¹¹ fez uso de fontes orais. A maioria lançou mão de entrevistas semi estruturadas e, em algumas das pesquisas, fez-se uso de questionários com questões abertas e fechadas.

As transcrições¹² das entrevistas mantiveram as falas dos entrevistados segundo a sua linguagem coloquial indicando uma orientação metodológica de valorização das palavras empregadas pelos sujeitos históricos posto que se compreenda conforme Alberti¹³ que o(a) entrevistado(a) ao escolher determinadas palavras e maneira de se expressar diz a respeito de sua visão de mundo.

Além das fontes orais foram consultadas diversas fontes, entre as quais é possível destacar: jornais de circulação local e regional, bibliografia diversa, poemas, hinos, atas de câmaras municipais, livros tombo, livros de memória, livros de contabilidade de irmandades religiosas, iconografias e fotografias.

É possível inferir que as fontes orais tiveram um papel vital no processo de tessitura das pesquisas apresentadas até então pelos discentes do colegiado de história campus X. Compreende-se que as mesmas foram significativas, por exemplo, no

processo de conhecimento das experiências vivenciadas em comunidades em que o uso da oralidade é relevante como maneira de expressão, como foi o caso dos trabalhos referentes às comunidades quilombolas, ciganas e indígenas. Além disso

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “muito insignificantes” – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode aprender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universal racional.¹⁴

Naquilo que diz respeito ao acesso às fontes de pesquisa, Teixeira de Freitas e cidades circunvizinhas vivenciam na contemporaneidade a situação descrita por Janaina Amado, sendo assim os pesquisadores experienciam uma situação em que

Não é fácil realizar trabalhos de cunho regional. Se o problema do mau estado de conservação e de desorganização dos documentos históricos é sentido em todo o país, ainda mais agudo ele se apresenta na maioria das instituições estaduais e municipais, principalmente as situadas nas regiões pobres. Por outro lado, a documentação local, necessária às pesquisas geralmente está em mãos de pessoas que se consideram “donas” e não querem cedê-las¹⁵.

A dificuldade de acesso a fontes documentais escritas, em razão da não existência de arquivos organizados e acessíveis ao público, apesar de constituir-se em um problema para a realização das pesquisas de cunho regional, que consistia e consiste um dos anseios de docentes e discentes do campus X, não implicou no abandono dos projetos de pesquisa. Entretanto o trato da coisa pública como sendo privada pode ser experienciado, por exemplo, na resposta dada à uma solicitação, feita por pesquisadoras, de acesso a algumas das Atas da Câmara municipal da cidade de Medeiros Neto. A resposta a tal pedido foi de que o referido documento havia sido retirado da Câmara há muitos anos atrás por um antigo vereador que, à época, teria dito que iria “guardar” a referida ata em sua casa.

Também foi possível verificar *in loco* que muitas das fontes primárias, principalmente eclesiásticas e cartoriais, correm o risco¹⁶ de se perderem em razão, inclusive, do uso de métodos inadequados para guardá-las. É mister destacar aqui a situação de vulnerabilidade de documentos que se encontram nas cidades litorâneas,

como Caravelas, Alcobaça, Prado, Nova Viçosa e Mucuri, em razão dos efeitos destrutivos da salinidade e umidade.

Apesar de todas essas dificuldades descritas anteriormente, duas das pesquisas desenvolvidas por discentes do colegiado de história da UNEB – Campus X, tiveram como recorte temporal anos do século XIX. Tanto em uma, quanto em outra, fez-se uso de fontes primárias. Uma delas intitulada “Estratégias Matrimoniais: Dinâmicas de Famílias Alcobacenses nos anos de 1880 a 1900” de autoria de Rosimila Justiniano dos Santos analisou assentos de casamento de Alcobaça, no período de 1880 a 1900. A outra, intitulada “Baptizei solenemente e puz os santos óleos ao inocente: o batismo na Vila de Porto Seguro, 1837-1845” de autoria de Uerisleda Alencar Moreira, analisou registros de batismo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penna de Porto Seguro no período de 1837 a 1845. Tais pesquisas fizeram uso de análise documental em um modelo quali-quantitativo, este tipo de opção metodológica possibilitou a construção de uma base de dados e deu condições para que as pesquisadoras pudessem, a partir da análise dos dados organizados em tabelas e gráficos, atribuir valores e significados às características levantadas e quantificadas no intuito de tratar das problemáticas às quais se propuseram.

As fontes históricas que deram suporte à pesquisa de Uerisleda Moreira foram registros de batismo que estão sob a guarda da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas e foram acessados a partir da autorização do Bispo Dom Carlos Alberto dos Santos em razão do projeto intitulado “50 anos da Diocese Teixeira de Freitas/Caravelas” de organização, identificação e catalogação do acervo que está sendo realizado, de forma voluntária, desde junho de 2010 sob a minha coordenação e conta com a participação de historiadoras egressas da primeira e segunda turma do colegiado de história. Através da análise destes assentos, foi possível vislumbrar o significado do rito do Batismo para a sociedade daquele tempo, identificar a geografia deste rito nos espaços religiosos bem como perceber as possibilidades de adaptações em razão de diversidades e diferenças sociais.

Verifica-se em algumas das pesquisas desenvolvidas o uso do aporte teórico da História Local, ao fazê-lo foi possível revelar experiências de homens e mulheres que atuam em bairros, em aldeias, em comunidades quilombolas e também em espaços políticos administrativos como cidades, paróquias, distritos ou ainda em universos espaciais restritos como feiras livres e praças. Ao lançar mão deste aporte os pesquisadores puderam analisar as especificidades, discutir questões associadas à ideia

de pertencimento, problematizar processos de construção identitária à medida que se compreenda que

[...] a identidade é algo realmente formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.¹⁷

Como já foi explicitado, muitas das pesquisas dos discentes fizeram uso de fontes orais e a partir das entrevistas com homens e mulheres das mais variadas cidades e locais que constituíam seus lócus de pesquisa puderam ter acesso aos embricamentos existentes entre a memória e a identidade destes sujeitos que construíram/constroem a história de cidades do Extremo Sul Baiano posto que

[...] existe uma relação dialética entre nossas lembranças e nossa identidade. Construimos nossa identidade em relação à história de outras pessoas a nosso respeito e nossas próprias histórias a nosso respeito, histórias a respeito do nosso passado e nosso presente e acerca daquilo que queremos nos tornar. [...] A memória é obviamente uma parte crucial disso, pois uma parte muito importante é, “de onde vim”, “como me tornei quem sou agora”. Então as maneiras pelas quais contamos nossas histórias do passado são uma das formas cruciais pelas quais construimos nossa percepção de que somos agora.¹⁸

Também a dimensão do cotidiano permeou muitas das pesquisas produzidas pelos estudantes do colegiado de história da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus X. Maria Odila Dias sinaliza a importância e complexidade dos estudos do cotidiano que devem romper com as dualidades e enfrentar os arranjos sociais, as amalgamas. Para fazê-lo é fundamental que haja por parte dos pesquisadores uma ação em que este

[...] estuda o cotidiano problematizando conceitos herdados do pensamento tradicional e mostrando o impasse em que se encontram. Nesse sentido vem trabalhando tensões e conflitos que clamam por uma hermenêutica radical: a politização do privado, das relações de gênero, de uma pluralidade de sujeitos e de diferentes processos históricos de construção das subjetividades. É esse um caminho bastante fecundo, que tornou visível a historicidade de valores considerados estanques como natureza e cultura, público e privado, sujeito e objeto, razão, emoções, paixões, dualidades que têm por certo sua historicidade, a qual, porém, o pensamento contemporâneo vem procurando transcender.¹⁹

Neste sentido, por vezes tais pesquisas se depararam com o despercebido, aquilo que existia, mas que não havia sido visto pelo olhar dos pesquisadores da história nacional, pois

[...] a história da vida cotidiana e privada é finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma²⁰”

Nas pesquisas realizadas o conceito de cotidiano foi associado à ideia de movimento e imprevisibilidade, dando margens para novos arranjos sociais. Isso implica dizer que o cotidiano foi trabalhado em sua dimensão relacional, nos espaços econômicos, políticos e socioculturais. Possibilitando, assim, a problematização do mesmo, bem como a desconstrução de estereótipos que servem a uma visão rígida dos papéis e espaços, mas que não compreendem a complexidade exigida pela historicidade.²¹

Considerações finais

O curso de história da UNEB - Campus X, em seus seis anos de existência tem, com suas pesquisas, fomentado questionamentos e problematizações junto à comunidade teixeirense e do entorno.

Em razão das dificuldades em acessar fontes escritas, pelo exposto no corpo deste artigo, tem havido, até o presente momento um predomínio de pesquisas que lançam mão da história oral, em concomitância com outras fontes no processo de desenvolvimento das pesquisas.

As pesquisas produzidas deixaram ver a atuação de diversos sujeitos históricos que até então não ocupavam lugar na história local. Também foi possível perceber a existência de conflitos entre diferentes projetos de vida, o que fricciona uma série de caracterizações acerca da região atrelada à ideia de progresso e desenvolvimento.

Dentre as pesquisas desenvolvidas fica evidente que o acesso às fontes escritas em arquivos, fossem eles públicos ou particulares, foi possível mediante a concessão pautada em laços de amizade e confiança com o(a)s orientando(a)s ou com o (a) orientador(a). Isso ficou ainda mais evidenciado no caso de pesquisas a partir da história oral, em que os sujeitos foram sempre apresentados aos(às) pesquisadore(a)s por

alguém do seu grupo de convívio. É possível inferir que a história regional e local de cidades que compõem a região do extremo sul Baiano e que está sendo escrita na contemporaneidade tenha, relativamente, uma maior chance de ser construída a partir da ação destes discentes do colegiado de história da UNEB – Campus X que, em linhas gerais, são sujeitos que dialogam, muitas vezes na condição de descendentes, e integram a vida destas cidades.

¹ Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes, Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X, Mestra em História Regional e Local. E-mail: liuferndesc@yahoo.com.br

² O uso desta expressão aqui se remete a forma como a mesma é utilizada no filme intitulado *Narradores de Javé*.

³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. 5ª edição. Campinas – São Paulo; Editora da UNICAMP, 2003, p. 27.

⁴ SEVCENKO, Nicolau apud ASSIS, Machado de. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 07.

⁵ AMADO, Janaína. História Regional e Local. In: *República em Migalhas*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

⁶ BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

⁷ Segundo o Censo Demográfico de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a região possui 664.164 habitantes.

⁸ Projeto de Curso de História, UNEB – Campus X, 2006.

⁹ Parecer técnico nº 01/04. Assunto: Ocorrência arqueológica na Fazenda Cascata, Teixeira de Freitas-BA. Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – DFCH, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, 2004, p. 11.

¹⁰ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 09.

¹¹ GOMES, Liliane Maria Fernandes Cordeiro. Cidades do Extremo Sul Baiano: questões abertas um espaço de pesquisa e possibilidades. *Anais do XXII Ciclo de Estudos Históricos*. UESC - Ilhéus, p.03, 2011

¹² Existe por parte do colegiado de história do campus X o desejo de desenvolver um projeto no sentido de garantir a criação de um acervo destas entrevistas.

¹³ ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

¹⁴ JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: *História Oral. Desafios para o século XXI*. Tradução de Paulo Martins Garchet. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 33-34.

¹⁵ AMADO, Janaína. História Regional e Local. In: *República em Migalhas*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.10.

¹⁶ Muitas delas já se perderam, pois a fúria das traças e da umidade não perdoa.

¹⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 38.

¹⁸ THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. *Debate, Projeto História*, São Paulo, vol. 15, p. 80, 1997.

¹⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, São Paulo, EDUC, nº 17, p. 231, 1998.

²⁰ PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano e da Vida Privada. In *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 397-398.

²¹ GOMES, Liliane Maria Fernandes Cordeiro. *Helvécia - homens, mulheres e eucaliptos (1980-2005)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Santo Antônio de Jesus, 2009, p. 20.